



O negacionismo científico na sociedade contemporânea

Por Cristiano das Neves Bodart¹

Conceituando o negacionismo científico

A expressão negacionismo, em geral, refere-se a prática de negar uma realidade como meio de escapar de uma verdade desconfortável. Esse termo já foi amplamente utilizado para designar a prática de negar a existência do Holocausto (CASTRO, 2014) e mais recentemente o aquecimento global. A negação aos conhecimentos científicos de forma sistematizada e organizada vem sendo denominada “negacionismo científico”. Vale destacar que o negacionismo pode ser entendido também como resposta de grupos [fundamentalistas](#) (no sentido de firmados aos seus fundamentos culturais) ao avanço da Ciência, já que essa contesta as explicações tidas como insuficientes, incluindo explicações religiosas e/ou tradicionais.

Contextualizando o negacionismo científico

Primeiramente, importa compreender o que estamos denominando Ciência. A palavra ciência tem origem no latim, de *scientia*, que se traduz por conhecimento.

¹ Doutor em Sociologia (USP) e professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e do Centro de Educação (CEDU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Editor do Blog Café com Sociologia.

Contudo, por Ciência (com letra maiúscula) nos referindo os conhecimentos adquiridos/desenvolvidos por meio do método científico, o qual envolve um conjunto de procedimentos especializados, tais como métodos (método indutivo, método dedutivo, método hipotético-dedutivo, método dialético, método fenomenológico, etc.), modalidades (bibliográfica, de campo, documental, experimental, participante, estudo de caso, etc.), técnicas (de coleta, de codificação, experimentação, análise, etc.), teorias e conceitos.

A prática de se opor ao conhecimento científico não é uma novidade da contemporaneidade. Antes, importa recordarmos que a Ciência se desenvolve em contexto de perseguições aos que se dispunham a tomá-la como princípio orientador de busca de compreender os diversos fenômenos físicos, químicos, biológicos, sociais, econômicos, etc. Muitos foram condenados pela Igreja Católica e pela sociedade de sua época por defender achados científicos ou conhecimentos originários de práticas que, posteriormente, se constituiria na Ciência Moderna. Os séculos XVI e XVII foram, particularmente, emblemáticos em se tratando de negação à Ciência. O abandono, durante quase toda a Idade Média, do conhecimento produzido na Grécia Antiga é um exemplo de negação do conhecimento, no caso da ciência antiga (episteme antiga). Contudo, a negação praticada naqueles momentos históricos estava relacionada a um contexto de desenvolvimento da Ciência (moderna ou antiga), que ainda não havia demonstrado, com a mesma potência de hoje, a sua importância. Cito um caso particular: Igreja Católica, no Brasil, promoveu um movimento de negação da Sociologia que se desenvolvia nos entre os anos de 1920 e 1940, tendo proposto uma alternativa de explicação dos fenômenos sociais, produzindo, inclusive, manuais escolares de “Sociologia Cristã” ou “Sociologia Católica” (CIGALES; 2017; BODART; CIGALES, 2020). Atualmente, a negação da Ciência, a despeito de seu

desenvolvimento e benefícios trazidos à sociedade, se constitui em uma prática bem presente, sobretudo nas redes sociais *online*. Campanhas contra as vacinas, movimentos terraplanistas e que negam o aquecimento climático são exemplos amplamente conhecidos. Esses movimentos vem sendo denominados “negacionismo científico”.

Negacionismo científico é hoje maior?

Se tomarmos negacionismo como todas as manifestações contrárias a Ciências, notaremos que, embora a sensação de maior presença dos negacionista seja uma realidade, o número de praticantes não é. Max Weber (1991) nos deixou estudos que evidenciaram o processo de racionalização da sociedade moderna, cunhando o conceito de “desencantamento do mundo” que fazia referência ao processo de suplantação paulatina das elucidações racionais sobre as explicações religiosas.

A sensação de maior presença dos negacionista dar-se, ao menos, por três fatores: a) desenvolvimento dos meios de comunicação onde todos são ativo (e não apenas espectadores); b) a colaboração da mídia tradicional e de representantes políticos na legitimidade de ideias que negam os conhecimentos científicos e; c) a educação de má qualidade que “semi-forma” os indivíduos.

Graças à própria Ciência, os negacionistas que antes estavam restritos à roda de conversas de amigos passaram a ter acesso ao uso de meios de comunicação de grande alcance (*Facebook, YouTube, Instagram, Whatsapp, etc.*). Isso potencializa seu alcance e amplia sua presença na vida cotidiana das pessoas.

Em passado recente o acesso aos meios de comunicação como instrumento de divulgação discursiva estava restrito à poucos, e seus usos, em geral, eram marcados por algum grau de profissionalização. Atualmente qualquer um pode ser produtor e

propagador de discurso. Essa democratização do discurso, para além de seus benefícios, deu condições de divulgação de todo o tipo de informação, inclusive negacionista.

A grande mídia, visando audiência, vem cedendo espaço a qualquer discurso sob a justificativa de que estaria ouvindo os diversos lados. Com isso, absurdos vêm sendo também reproduzidos em programas de TV e de rádio. Em síntese, os meios de comunicação potencializam e legitimam os grupos (movimentos ou/e indivíduos) negacionistas.

Outro fator que gera a sensação de maior presença dos negacionistas da Ciência está na sua relativa qualificação argumentativa. Se por um lado a educação de qualidade gera cidadãos dotados de conhecimentos qualificados, por outro o acesso a uma educação ruim gera indivíduos mal formados. Esses não chegam a compreender a importância da Ciência, mas aprenderam alguma coisa de lógica e discurso argumentativo (algo que as redes sociais online ensinam).

A negação da Ciência por parte de pessoas sem nenhuma escolaridade tem um impacto, em geral, menor sobre a opinião pública, bem como incomoda menos aos que prezam pela Ciência. Por outro lado, indivíduos “semi-formados” tendem a gerar, quando nega a Ciência, um incômodo maior, sobretudo se sua “formação” for suficiente para reproduzir com boa desenvoltura discursiva negações do que a Ciência produziu. Em geral o conhecimento produzido pela Ciência não é simples de compreender em sua totalidade, em contraposição às ideias negacionistas que são facilmente assimiladas e reproduzidas.

Em síntese, as negações da Ciência se “qualificaram” nos últimos anos. Algumas vezes se revestem de autoridade científica para negar o conhecimento científico; o uso de “cientistas” para legitimar ideias é recorrente, buscando muitas

vezes se utilizar de falsos discursos racionais. O negacionismo é, muitas vezes, marcado por uma pseudo lógica/racionalidade que não suporta uma análise verdadeiramente crítica ou/e científica.

Como combater o negacionismo científico?

O combate ao negacionismo científico passa, necessariamente, por dois caminhos: a) pela qualificação da educação básica e; b) pelo diálogo entre comunidade científica e sociedade.

A qualificação da educação envolve um “letramento científico” que supere a transmissão de conhecimentos prontos, como meras informações. Como todos os indivíduos passam (ou deveriam) pela escola, esta se torna estratégica.

A ideia de que “está no livro, então é verdade” é colaborativa para o negacionismo, já que não abre espaço para pensar a produção do conhecimento, desconstruindo-o e reconstruindo-o. É necessário aprender como a Ciência procede, seus métodos, técnicas, teorias e conceitos. Uma educação científica é marcada pela preocupação de ensinar a pensar cientificamente, de questionar as aparências, de checar fontes e informações. Esse tipo de educação deve estar presente já no ensino básico. A transmissão de “conhecimentos prontos” retira suas bases do saber e pouco contribui para o pensamento crítico/reflexivo. Não se trata de formar nesse nível de ensino cientistas, mas agentes dotados de condições de compreender o que é ou não Ciência e entender a sua importância para a sociedade.

A comunidade científica precisa se preocupar cada vez mais em dialogar com a sociedade. Importa destacar que, dialogar não é impor conhecimento e nem é usar da “autoridade científica” para transmitir uma verdade. O diálogo envolve a escuta e a compreensão do outro como ponto de partida (o senso comum deve ser o ponto de

partida mas não o ponto de chegada). Dialogar demanda transposição didática dos conhecimentos produzidos (didatização ou recontextualização) e a ampliação de espaços pedagógicos para acesso aos conhecimentos e procedimentos científicos. Nesse esforço, as Ciências Humanas, em especial a Ciência Educação, tem papel importante.

Referências bibliográficas

BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo. Conatus católico e o ensino de Sociologia no Brasil (1920-1940). *In*: BODART, Cristiano das Neves. [*O ensino de Sociologia e de Filosofia escolar*](#). Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. O negacionismo do Holocausto: pseudo-história e história pública. **Resgate**, vol. 12, n.28, jul./dez. 2014.

CIGALES, Marcelo. [Saiba o que é Sociologia Cristã](#). **Blog Café com Sociologia**. 2017.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade** (vol. 1). Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1991.

Forma de citar este texto:

BODART, Cristiano das Neves. O negacionismo científico na sociedade contemporânea. *Blog Café com Sociologia*. pp. 1-6, set. 2020. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/?p=13752&preview=true>>.